

## **O USO DE PRAÇAS PÚBLICAS COMO ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO**

Ailton Jesus Dinardi\*  
ailtondinardi@gmail.com  
Allyson H. Souza Feiffer\*\*  
allysonhenrique@yahoo.com.br  
Heitor Estella Felippelli\*\*\*  
hefsboy@gmail.com

### **RESUMO**

Dentre os desafios para a implantação da escola de tempo integral no Brasil, está a falta de espaço físico nas escolas. O Plano Nacional de Educação (2014-2024) propõe como uma das estratégias para a resolução desta questão, a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos, alinhando educação formal com educação em espaço não formal, ou seja, fora dos muros da escola. Com o intuito de contribuir com este processo, se iniciou em 2015 um projeto de extensão, na forma de oficinas para o ensino de ciências, nas dependências da Praça do Parcão (Praça Dom Pedro II) no município de Uruguaiana-RS, tendo como um dos objetivos, contribuir com a implantação da escola de tempo integral oferecendo atividades educativas em espaços não formais. Nas análises das avaliações dos educandos, se observa que a metodologia de ensino proporcionou aprendizagem, contribuiu com a formação dos alunos, que os temas explorados durante as atividades despertam o interesse, contribuem com a mudança dos olhares sobre a praça e agregam conhecimentos. Estes resultados corroboram com a possibilidade de utilização dos espaços públicos (praças) como ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** espaço não-formal; ensino de ciências; praças públicas.

### **1 INTRODUÇÃO**

Dentre os desafios para se cumprir o novo Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 que foi sancionada pela Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014 está à falta de espaço nas escolas, visto que estas não foram pensadas para funcionar em turno único, ou seja, quando se fala em escola de tempo integral como solução para a baixa qualidade da educação básica brasileira, não se explica como se multiplica o número de alunos por turno no mesmo espaço físico.

No Rio Grande do Sul, onde funcionam 7,5 mil escolas públicas, o PNE é reforçado pela Lei Estadual Nº 14.461 de 16 de janeiro de 2014, que determinou a oferta de educação integral em 50% dos estabelecimentos estaduais de Ensino Fundamental, no prazo de 10 anos. A Secretaria Estadual da Educação (SEC) já atende 12.375 alunos da rede que passam cerca

---

\* Professor Adjunto do Curso de Ciências na Universidade Federal do Pampa, Brasil.

\*\* Licenciando em Ciências na Universidade Federal do Pampa, Brasil.

\*\*\* Bacharelado em Veterinária na Universidade Federal do Pampa, Brasil.

de oito horas por dia na escola, em 51 colégios espalhados por 38 cidades, porém a meta para 2024 é atingir 1.182 escolas. Segundo Rosa Mosna (diretora-adjunta do departamento pedagógico da SEC) é um desafio, “porque temos de elaborar uma identidade nova para a escola, não basta um canetaço. Nossa estrutura não é como a de países que já pensaram a escola para o tempo integral. Nós concebemos uma escola pela metade”. O fato é que muitas escolas funcionam em dois e até três turnos e para serem transformadas em escolas de tempo integral, precisará se pensar o que fazer com o excesso de alunos (MELO, 2014).

Ao discutir com os professores da Educação Básica as necessidades imediatas e os “gargalos” que se apresentam para a implantação da escola de tempo integral, as maiores preocupações também dizem respeito ao fator espaço, ou seja, como alocar em um período único (integral) o total de alunos que frequentam a escola em dois turnos.

A Estratégia 6.4 da Meta 6 do PNE diz que, o atendimento ao que se propõe, dependerá de diversas ações, dentre elas, fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos e com equipamentos públicos (BRASIL, 2014), ou seja, como solução para a falta de espaço, estaria o uso pelos professores e estudantes, de espaços não escolares, como praças, parques, museus, teatros, igrejas, etc., alinhando educação formal com educação em espaço não formal, ou seja, fora dos muros da escola.

Segundo Bendrath (2014) podemos pensar o conceito de educação não-formal como o proposto por Garcia (2009) que define que a educação não-formal não é um conceito pronto e a sua definição não está dada; ela está sendo criada, produzida e recriada. Para a autora, o papel acerca da função e seu espaço como “não escolar” deve ser considerado tendo em vista seu papel político e social na legitimação dos saberes.

Ainda segundo a autora, o conceito de educação não-formal ainda é difuso e confunde-se com as estruturas da educação formal e os aspectos subjetivos da educação informal, dificultando uma definição clara e objetiva de seus campos de atuação e modelos didático-pedagógicos.

A UNESCO (2011, p. 227) define educação não formal como sendo:

Toda a atividade educacional organizada e sustentada que não corresponde exatamente à definição da educação formal. Assim, a educação não formal pode ocorrer tanto dentro como fora das instituições educacionais e lidar com pessoas de todas as idades. De acordo com o contexto de cada país, pode cobrir programas educacionais para a alfabetização de adultos e na educação básica poderá contribuir para habilidades de crianças de escola para a vida ativa, para o trabalho e cultura geral. Os programas de educação não formal, não necessariamente precisam ser regulados por um sistema de 'regras' e podem ter diferentes durações, conferindo ou não certificados de aprendizagem. (Tradução do autor).

Segundo Guimarães e Vasconcellos, a educação não formal por ter uma organização espaço tempo mais flexível, possui um importante papel para a ampliação da cultura científica e humanística.

Mas, para conseguir popularizar o seu trabalho, é importante que estes espaços estabeleçam uma forte parceria com as escolas, já que estas são instituições com maior capacidade de promover a sistematização com continuidade e a capilarização do trabalho educativo de intervenção na sociedade (GUIMARÃES; VASCONCELLOS, 2006, p. 10).

Ainda segundo estes autores, existem alguns aspectos nos espaços de educação não formal, que os tornam fundamentais, como por exemplo, o caráter de não formalidade dessas instituições permite uma maior liberdade na seleção e organização de conteúdos e metodologias, o que amplia as possibilidades da interdisciplinaridade e contextualização.

Para Oliveira e Gastal a educação não-formal não é estática:

[...] é uma atividade aberta que ainda está em construção, portanto, não tem uma identidade pronta e acabada. É uma área bastante diversa, e esse aspecto é muito interessante, pois permite, além de contribuições de várias áreas, a composição de diferentes contextos culturais, tendo a diversidade como uma de suas características (OLIVEIRA; GASTAL, 2009, p. 4).

Para Jacobucci (2008, p. 2) a conceituação de espaço não-formal de Educação, ou sua abreviação como “espaço não-formal”, não é óbvia. A definição de espaço formal de Educação segundo a Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é a escola, com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório, ou seja, posto que espaço formal de educação é um espaço escolar, é possível inferir que espaço não formal é qualquer espaço diferente da escola onde pode ocorrer uma ação educativa.

Porém, segundo Jacobucci, na tentativa de definir os espaços não-formais de Educação, duas categorias podem ser sugeridas:

[...] locais que são Instituições e locais que não são Instituições. Na categoria Instituições, podem ser incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem equipe técnica responsável pelas atividades executadas, sendo o caso dos Museus, Centros de Ciências, Parques Ecológicos, Parques Zoológicos, Jardins Botânicos, Planetários, Institutos de Pesquisa, Aquários, Zoológicos, dentre outros. Já os ambientes naturais ou urbanos que não dispõem de estruturação institucional, mas onde é possível adotar práticas educativas, englobam a categoria Não-Instituições. Nessa categoria podem ser incluídos teatro, parque, casa, rua, praça, terreno, cinema, praia, caverna, rio, lagoa, campo de futebol, dentre outros inúmeros espaços (JACOBUCCI, 2008, p.3).

Para Queiroz et al todo e qualquer espaço pode ser utilizado para uma prática educativa de grande significação para professores e estudantes.

Contudo, antes da prática é necessário construir um planejamento criterioso para atender ambos os objetivos – professores e estudantes e entre esses espaços podemos considerar: praças públicas, áreas verdes nas proximidades da escola, lagos e igarapés, entre outros. Aqui vale ressaltar, a criatividade do professor para reconhecer um espaço em potencial e a sua contribuição científica para a formação dos estudantes (QUEIROZ et al., 2011, p. 7).

Outra questão que precisamos refletir sobre educação em espaços não formais, diz respeito ao registro de Jacobucci (2008, p. 10):

Promover a divulgação científica sem cair no reducionismo e banalização dos conteúdos científicos e tecnológicos, propiciando uma cultura científica que capacite os cidadãos a discursarem livremente sobre ciências, com o mínimo de noção sobre os processos e implicações da ciência no cotidiano das pessoas, certamente é um desafio e uma atitude de responsabilidade social.

Com relação ao uso de praças públicas como espaço de educação não formal, Oliveira (2004), nos informa que no século XX foram criadas as praças e os parques públicos como alternativas de lazer e locais de brincadeira. E segundo Almeida et al a população das metrópoles tem demonstrado:

[...] crescente necessidade de aproximação com a natureza, sendo frequente a visitação de áreas verdes. A utilização dos espaços verdes das cidades em conjunto com seu patrimônio histórico pode auxiliar seu despertar para a importância e complexidade da natureza, funcionando como uma extensão da escola (ALMEIDA, et al., 2004, p. 122).

Para Moreira-Coneglian et al (2004, p. 3), as praças e jardins públicos, além de possuírem componentes vegetais e animais, podem contar a história da cidade, pois apresentam, em seus arredores, todo um patrimônio histórico e cultural. Quando presentes nas redondezas da escola, podem propiciar momentos de aprendizagem e diversão, além de permitir um maior contato dos alunos com os elementos naturais próximos a eles.

Em Uruguaiana, cidade da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 129.504 habitantes e distante 642 km da capital do estado, Porto Alegre, encontramos inúmeras praças públicas, mas na Praça Dom Pedro II, mais conhecida como Praça do Parcão, que se localiza na região central da cidade, pode-se dizer que há grande variedade de espaços com vocação para o ensino e a aprendizagem de ciências em espaço não

formal. Na praça encontramos um relógio de sol, uma pista de skate, uma pista de caminhada, uma ciclovia e grande diversidade de árvores e arbustos nativos e exóticos.

Em meio a estas demandas legais advindas do PNE, das condições de falta de espaço físico e de recursos para a implantação das escolas em tempo integral, da presença de espaços públicos com potencial educativo e da possibilidade do desenvolvimento de ensino e aprendizagem nestes espaços não formais de educação perguntamos: efetivamente é possível desenvolver processos de ensino e aprendizagem em Ciências em praças públicas?

Nesta interface entre o que recomenda a legislação e as necessidades que se apresentam para a implantação da escola de tempo integral e entre o que é formal e não-formal, se acredita que sim, que é possível o desenvolvimento de atividades educativas em praças públicas e neste artigo se relata os resultados obtidos em um projeto de extensão do Curso de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. O Projeto de Ciências, teve início em 2015 nas dependências da Praça Dom Pedro II no município de Uruguaiana, tendo como objetivos analisar a viabilidade de espaços públicos como ferramentas de ensino e aprendizagem de Ciências e de maneira menos específica, mas não menos importante, contribuir com a construção de outros olhares e possibilidades para com as praças e parques municipais e desenvolver um dos pilares das universidades públicas que é a extensão universitária.

Enquanto instituição pública de ensino, cabe a *universidade levar o conhecimento até a comunidade, mas também o traze-lo na medida em que se abre ao diálogo e passa a considerar as demandas da sociedade na qual está inserida*. É através da comunicação e da interação entre a comunidade externa e a comunidade acadêmica que se estabelece uma nova visão para a prática extensionista. O foco, nesta concepção, agrega as necessidades das suas comunidades, ampliando a perspectiva do todo e contextualizando a universidade com o seu entorno (UNIPAMPA, 2017).

## **2 METODOLOGIA**

Está pesquisa possui uma abordagem de caráter quali-quantitativa, em que segundo Moreira (2011), a pesquisa qualitativa presume a coleta de dados mediante as influências mútuas que acontecem entre o pesquisador e o objeto de estudo e a quantitativa consente uma melhor compreensão sobre o objetivo da pesquisa, quantificando o que se deseja analisar.

Utilizou-se como instrumento de registro e análise das atividades, questionários pré e pós atividades. O uso de questionários semiestruturados proporcionam em determinados momentos a construção de gráficos que evidenciam os resultados obtidos, sendo que após a coleta de dados pré atividades, estes foram analisados a partir da metodologia de contagens de eventos (HARDY e BRYMAN, 2009), sendo estes dados foram organizados em gráficos de barras e analisados quantitativamente. As variáveis dos gráficos foram representadas de forma a determinar a frequência com que tal questionamento foi respondido igualmente, ou não, em porcentagem de respostas. Com relação as questões abertas, pós atividade, que registra de forma individual e subjetivamente aspectos de aprendizagem, este artigo utilizou-se para o tratamento dos dados, a *análise de conteúdo* conforme proposta de Bardin (2011).

Analisou-se os questionários que foram respondidos pelos educandos de três turmas do 6º ano de uma escola pública estadual do município de Uruguaiiana que totalizaram 90 alunos(as) (turma 60 – 31; turma 61 – 30; turma 62 – 29). Esta escola foi escolhida em função de sua localização (Figura 1), ou seja, pela proximidade com a praça e por possuir turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Figura 1 – Localização da escola pública em relação a Praça Dom Pedro II (Parcão)



Fonte: Google Earth.

Para Minayo (2000), o conjunto de dados, quantitativos e qualitativos, não se opõe. Ao contrário, se complementam, pois, a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

As atividades ocorreram quinzenalmente, sempre na Praça Dom Pedro II (Parcão), sendo ofertada aos alunos do ensino fundamental, ciclo II (6º ao 9º ano) das escolas públicas e

particulares de Uruguiana, porém neste artigo está o registro dos resultados obtidos no primeiro semestre de 2016.

Na praça, o processo de ensino e aprendizagem foi organizado em quatro momentos, definidos como oficinas, sendo que cada oficina está sob a responsabilidade de um ou dois discentes dos Cursos de Licenciatura em Ciência da Natureza e Bacharelado em Medicina Veterinária, que realizam a função de tutores durante as atividades.

**Oficina de Astronomia:** se utiliza do Relógio do Sol para explorar assuntos como pontos cardeais, história da marcação das horas e construção de um relógio de sol em papel sulfite;

**Oficina de Botânica:** explora as características fenotípicas das espécies arbóreas da praça, a origem destas, floração, frutificação, etc;

**Oficina de Física:** se utiliza da pista de skate para discutir gravidade, massa e peso, Leis de Newton, atrito, velocidade, etc.

**Oficina de História:** um dos tutores explora a biografia dos personagens que nomeiam as ruas e avenidas do entorno (Rua 1 – Rua Flores da Cunha; Rua 2 – Avenida Presidente Vargas; Rua 3 – Rua Benjamin Constant; Rua 4 – Rua Dr. Maia), bem como a figura de Dom Pedro II, que possui um busto na praça.

Após a permissão da direção da escola, e selecionado o grupo de educandos que irão para a praça, um questionário é aplicado em sala de aula, dias antes da atividade. As perguntas deste questionário têm o objetivo de aferir o conhecimento destes com relação a praça, bem como o envolvimento com este ambiente.

No dia da atividade os educandos são conduzidos pelos tutores até a praça, onde recebem as boas-vindas e em uma roda de conversa iniciam-se as discussões sobre a localização, nome correto e “apelido” da praça e ruas que demarcam o seu entorno. Feito este primeiro contato, inicia-se uma caminhada, onde se explora os conhecimentos dos educandos acerca dos aspectos mais relevantes da praça e dos assuntos planejados pela Oficina de História.

Ao final desta oficina, os educandos são divididos em três grupos e são levados para os locais onde se realizam as demais oficinas. As oficinas possuem praticamente a mesma duração e ao término de uma oficina, os alunos são encaminhados à outra, ou seja, ao final do processo, todos participam de todas as oficinas.

Ao término das atividades os educandos são conduzidos de volta à escola, onde recebem um segundo questionário e podem avaliar as atividades desenvolvidas, refletir sobre a relação com a praça e sugerir mudanças ou fazer críticas as atividades.

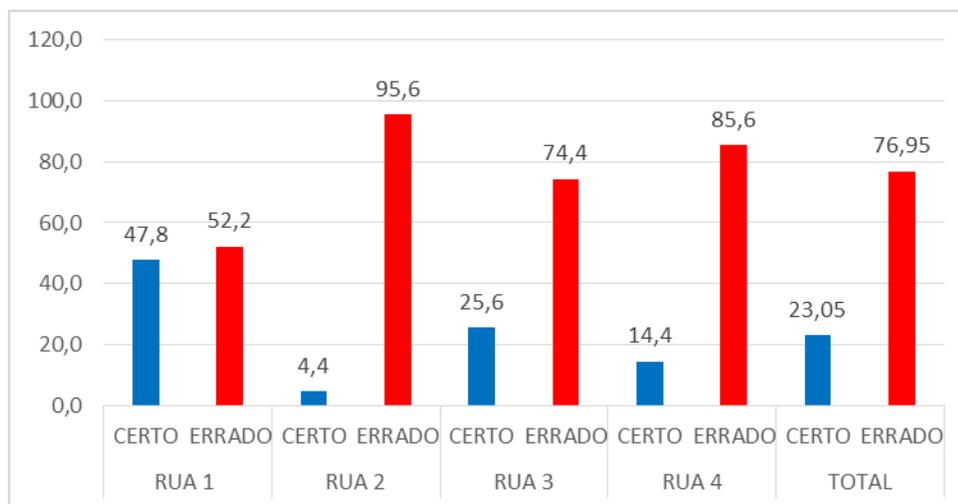
### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta atividade de extensão ocorreu no primeiro semestre de 2016 e os educandos dos três 6º anos que participaram das atividades na praça estudam no turno vespertino, em uma escola de ensino fundamental que se localiza muito próximo da praça, a menos de dois quarteirões. O fato da escola se localizar próxima à praça, subentende-se que os educandos, sujeitos da atividade são moradores do entorno da praça. Porém, quando perguntado a estes sobre os nomes das ruas que delimitam a praça, apenas 23,05% acertaram o nome de todas as vias do entorno, sendo que 95,6% dos alunos não sabiam o nome da rua 2, conforme figura 2.

Estes baixos índices de conhecimento sobre as ruas do entorno da escola corroboram com os dizeres de Hauser e Lopes (2016):

É importante que o professor conheça as características do colégio em que atua, que entenda seu sistema de ensino, que compreenda a dinâmica do bairro e da cidade no qual está inserido para que assim ofereça uma formação voltada às reais necessidades dos beneficiários de seu trabalho. Um roteiro didático, por exemplo, para leitura e interpretação da paisagem dos arredores da escola constitui-se, assim, um oportuno recurso para alcançar tal intento.

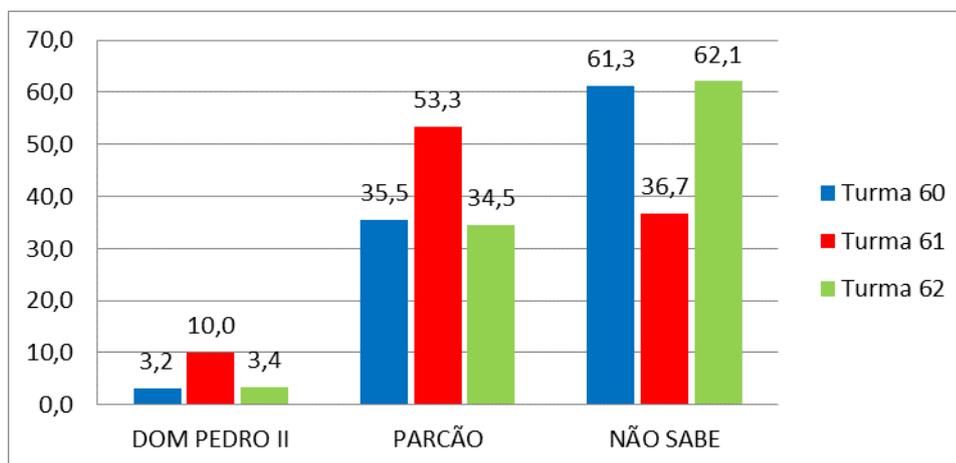
Figura 2 – Porcentagem de acertos e de erros sobre os nomes das ruas que delimitam a Praça Dom Pedro II (Parcão)



Como já foi dito, o nome correto da praça é Dom Pedro II, sendo que em sua homenagem há um busto na praça, colocado em uma posição como se estivesse olhando para o obelisco que há no cruzamento da rua 1 (Rua Flores da Cunha) com a Rua 2 (Avenida Getúlio Vargas) e que segundo a história, marca o local exato onde Dom Pedro II recebeu a rendição das tropas paraguaias e pôs fim ao conflito da Guerra do Paraguai em solo brasileiro.

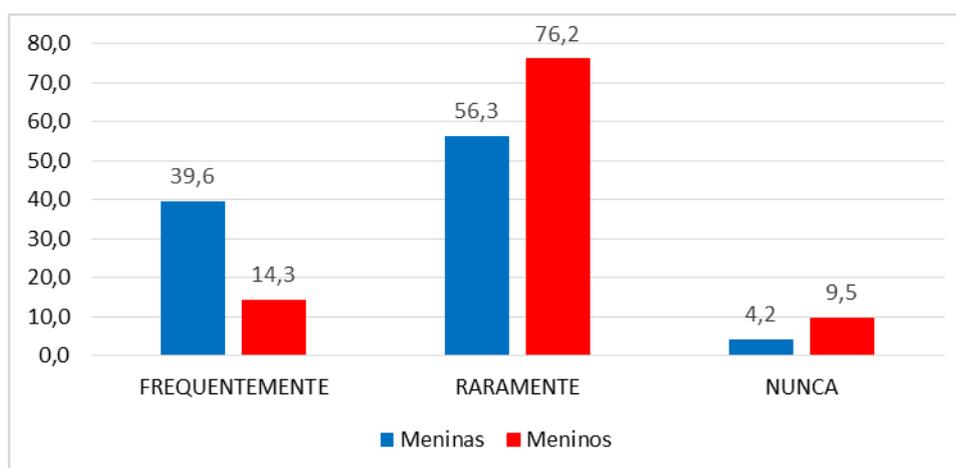
Quando perguntado sobre o nome da praça, a grande maioria dos educandos das turmas 60 e 62 responderam que não sabiam o nome, com 61,3% e 62,1% respectivamente e 53,3% dos alunos(as) da turma 61 disseram que a praça se chamava Parcão, conforme figura 3.

Figura 3 – Resposta dos alunos com relação ao nome da praça (%)



Com relação a frequência com que usam a Praça do Parcão, ficou evidente que este espaço público é pouco explorado pelas crianças que moram em seu entorno, com as alunas usando as dependências da praça mais frequentemente que os meninos, com 39,6% e 14,3%, respectivamente conforme figura 4.

Figura 4 – Frequência com que os educandos da pesquisa utilizam a Praça Dom Pedro II (Parcão) (%)

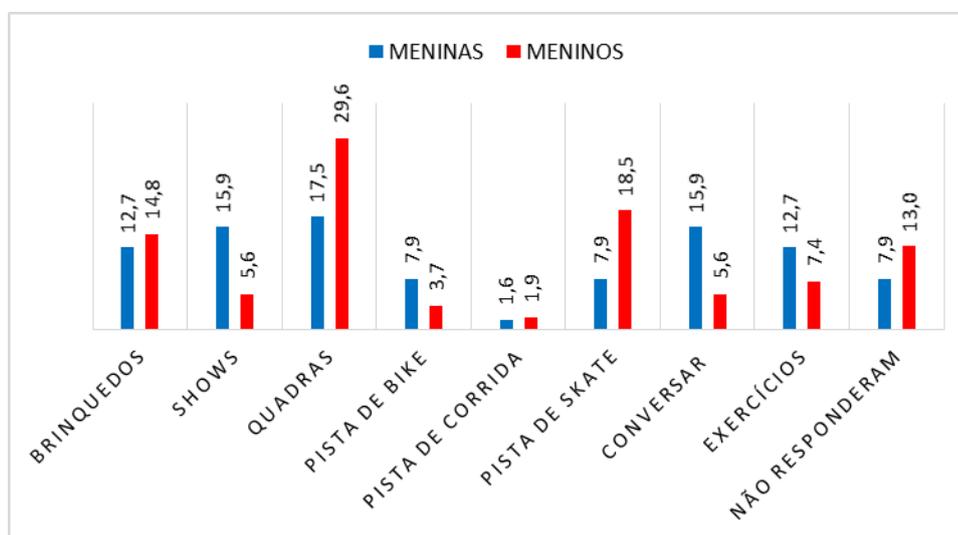


Sobre as atrações da praça que os educandos mais gostavam, tanto as respostas das alunas, quanto as respostas dos alunos, indicam que as quadras poliesportivas são as maiores atrações da praça, com 17,5% e 29,6%, respectivamente (Figura 5). Porém, entre as meninas,

15,9% também responderam que utilizam a praça apenas como espaço para conversa com as colegas e outras 12,7% que gostam dos brinquedos da praça. Estas respostas corroboram com Harder et al (2006) que dizem que as praças são pontos de encontro cuja principal função é incentivar a vida comunitária. Entre os meninos, em segundo e terceiro lugar ficaram a pista de skate (18,5%) e os brinquedos (14,8%). Estas diferenças entre os percentuais de uso da Praça do Parcão podem ser explicadas por Luz e Kuhnen (2012) que dizem que as características dos espaços podem influenciar no tipo de interação social e na intensidade de atividade realizada, demonstrando a importância potencial dos ambientes para promover comportamentos de socialização, exploração, autonomia e atividade física e que também as praças são ocupadas diferentemente em relação ao sexo e faixa etária das crianças.

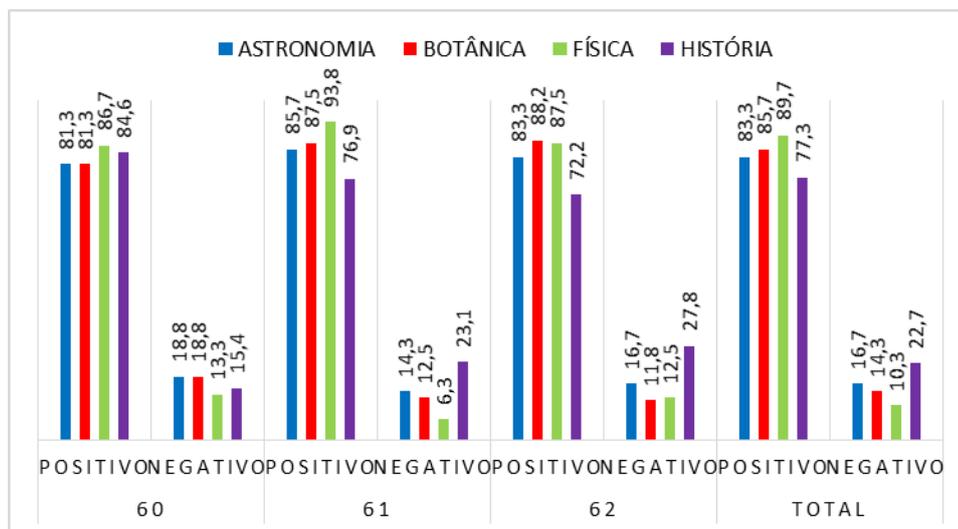
Segundo Ribeiro (2010) as praças são extremamente importantes no espaço urbano porque permitem às pessoas se reunirem e se encontrem na esfera comum. Os frequentadores se dirigem às praças por diversas motivações, mas, sobretudo, para praticarem atividades esportivas, alimentarem-se, divertirem-se, encontrar amigos e ver os outros, enfim, desfrutarem os momentos de folga em companhia de outras pessoas.

Figura 5 – Diferenças no uso da praça em função do gênero (%).



Através da Figura 6 pode-se observar que todas as oficinas foram avaliadas como positivas por mais de setenta por cento dos participantes, sendo que a oficina de Física, foi a mais bem avaliada com 89,7% e a oficina de História com 77,3% de aprovação foi a oficina que recebeu a menor nota positiva.

Figura 6 – Avaliação das oficinas pelas turmas 60, 61 e 62 em %.



Nas avaliações dos educandos, pode-se observar respostas curtas, porém, com registros de que o processo de ensino proporcionou aprendizagem, contribuiu com a formação destes. As respostas foram transcritas na íntegra e proporcionam um retorno aos proponentes, com relação a qualidade das oficinas e com relação aos ajustes necessários para que estas possam cada vez mais, atingir seus objetivos, conforme registro a seguir:

### 3.1 OFICINA DE ASTRONOMIA

**Respostas positivas:** "Gostei porque agora eu sei usar o relógio de sol e soube como era a hora antigamente"; "Gostei quando fizemos o relógio de papel"; "Dos negócios sobre o relógio, porque eu nem sabia que aquilo era um relógio"; "Foi legal eu saber que o sol não é importante só para aquecer o corpo".

**Respostas negativas:** "Não gostei das explicações"; "Não gostei de recortar"; "O professor fala demais".

Apresentar aos alunos um instrumento que foi produzido pela cultura, pela sociedade, em determinada época; contrasta-lo com a forma com que se realiza a leitura das horas na atualidade, faz com que estes consigam entender a ciência como processo e segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) no terceiro ciclo, os estudos no eixo Terra e Universo ampliam a orientação espaço temporal do aluno, a conscientização dos ritmos de vida, e propõem a elaboração de uma concepção do Universo, com especial enfoque no Sistema Terra-Sol-Lua (BRASIL, 1998, p. 62). Ainda segundo o PCN, a construção de um relógio solar é importante atividade para os alunos realizarem, discutindo o tamanho das

sombras durante o dia e conhecendo como os povos antigos construíram seus relógios (BRASIL, 1998, p. 63).

### 3.2 OFICINA DE BOTÂNICA

**Respostas positivas:** "Gostei porque agora eu sei o nome de 8 árvores e porque era ao ar livre"; "Aprendi tipos de árvores e depois teve um trabalho coletivo"; "É legal que tem várias árvores que não são daqui".

**Respostas negativas:** "Só não gostei que a gente tinha que correr"; "Eu não gostei, porque não achei legal"; "Não explicou muito".

Apresentar aos alunos, a diversidade vegetal da praça, fazendo com que os alunos possam toca-las, sentir seus cheiros, suas texturas e formas contribui com a quebra do paradigma vigente do ensino de Botânica, pois segundo Silva e Cavassan (2006) “a maioria dos processos de ensino e aprendizagem de Botânica ocorre através de um único enfoque metodológico, no caso, a aula expositiva e o uso do livro didático, gerando dificuldade de aprendizagem por parte dos alunos.” Para Araújo e Miguel (2013) “o ensino de Botânica no Brasil apresenta-se ainda voltado para exposição didática dos conteúdos, o que vem a desmotivar e dificultar o aprendizado dos alunos.”

### 3.3 OFICINA DE FÍSICA

**Respostas positivas:** “Eu gostei mais dessa, porque a gente fez bastante atividades”; “Eu gostei de aprender a força, ação e reação, potencial e atrito”; “Eu gostei de aprender sobre a gravidade e de ir na pista de skate”; “Gostei de como ela fez a rampa como uma coisa científica”.

**Respostas negativas:** "Tivemos que correr"; "Achei meio complicado"; "Não gostei das explicações".

O espaço não formal proporciona a professores e alunos a exemplificação daquilo que a teoria, em sala de aula, muitas vezes não alcança. Segundo Santiago et al (2010), o ensino de ciência pode se tornar mais eficaz fazendo uso de temas interdisciplinares, levando o aluno a relacionar seus conhecimentos adquiridos em sala de aula com o que ele vê em sua vida diária. É desejável que o ensino de Física seja voltado para a compreensão da vida e para a

resolução de problemas do dia a dia, que seja trabalhada a partir do cotidiano vivencial dos estudantes.

### **3.4 OFICINA DE HISTÓRIA**

**Respostas positivas:** "Eu aprendi coisas sobre a história de Uruguaiana"; "Eu gostei de aprender sobre as coisas que aprendi, sobre Dom Pedro II, Dr. Maia, sobre Vargas e Flores da Cunha"; "Eu aprendi sobre o verdadeiro nome da praça do Parcão".

**Respostas negativas:** "Muita conversa"; "Falou muito rápido da história"; "Não gostei, pois, tinha muito silêncio".

Pode-se observar que mesmo as respostas curtas apontam caminhos e registram o aprendizado, de forma muito própria e digamos autêntica pelos alunos. Entende-se que estes resultados corroboram com os dizeres de Ferreira (2015, p.6,7): [...] a educação em espaços não formais de ensino, possui uma tarefa fundamental: estimular a produção de novos conhecimentos a partir do conjunto das atividades humanas. Quando trabalhamos os conteúdos no ensino formal, faz-se necessário a “significação desses conteúdos” [...]. [...]o trabalho com a educação em espaços “não formais”, pode servir de importante aliado, além de potencializar a educação formal.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar dos educandos que participaram das atividades serem moradores dos bairros localizados no entorno da praça, os resultados apontam que a praça, como ferramenta de ensino formal, está sendo pouco explorada.

A análise dos questionários que avaliaram as atividades demonstra que os temas que estão sendo explorados durante as atividades despertam o interesse dos alunos, contribuem com a mudança dos olhares sobre a Praça Dom Pedro II (Parcão) e agregam conhecimentos, fatos estes, que corroboram com a possibilidade de utilização do espaço público (praça) como ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem.

A Praça Dom Pedro II (Parcão) como espaço para atividades educacionais, contempla o estreitamento dos laços entre educação superior e a educação básica, tão necessária quando se busca a melhoria na qualidade da educação como um todo. Na ação das atividades, em um único momento, pode-se expressar o ensino, a pesquisa e a extensão, pois o diálogo está

sendo dirigido por futuros profissionais da educação que planejaram tal momento, objetivaram seus resultados, pensaram a melhor metodologia etc. e ao colocar tudo isso em prática se deparam com situações, detalhes, perguntas e questionamentos que fogem ao planejado.

São estes momentos que propiciam o verdadeiro momento de pensar a educação, pois se entende a riqueza e a beleza das diferenças de formação, de visão e de posicionamento e na ação-reflexão-ação, se vai criando um espiral positivo de crescimento para todos. Portanto se o projeto tem por objetivos contribuir com a resolução de questões de ensino-aprendizagem através da extensão universitária, em seu processo de concepção e em seu desenvolvimento teve muito de ensino e pesquisa.

## **THE USE OF PUBLIC SQUARES AS A NON-FORMAL EDUCATION AREA**

### **ABSTRACT**

Among the challenges for the implementation of the full-time school in Brazil is the lack of physical space in schools. The National Education Plan (2014-2024) proposes as one of the strategies to solve this question, the articulation of the school with the different educational, cultural and sports spaces, aligning formal education with education in non-formal space, which is, outside the school walls. In order to contribute to this process, an extension project, in the form of workshops for teaching sciences, was started in 2015, at the Square called "Praça do Parcão" (Praça Dom Pedro II) in the city of Uruguaiana-RS. Among the targets is contribute to the implementation of the full-time school offering educational activities in non-formal spaces. In the analyzes of the students' evaluations, it is observed that the teaching methodology provided learning, contributed to the formation of the students, that the themes explored during the activities arouse interest, contribute to the change the way people look on the square and add knowledge. These results corroborate with the possibility of using public spaces (squares) as a tool for the teaching-learning process.

**Keywords:** non-formal space; science teaching; public squares.

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Luiz Fernando. R.; BICUDO, Luiz Roberto; BORGES, Gilberto Luiz de A. Educação ambiental em praça pública: relato de experiência com oficinas pedagógicas. **Ciência e Educação**, v. 10, n. 1, p. 121-132, 2004.

ARAUJO, Miria S.; MIGUEL, João Rodrigues. **Herbário Didático no ensino da Botânica**. In: I Encontro de Pesquisa em Ensino de Ciências e Matemática: questões atuais. Duque de Caxias, RJ, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENDRATH, Eduardo Ângelo. **A Educação Não-Formal a partir dos relatórios da UNESCO**. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC /SEF, 1998. 138 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino. **Planejando a próxima década: conhecendo as 20 metas do plano nacional de educação**. Brasília: MEC/ SASE, 2014. 62

FERREIRA, Carmen Lucia. **O lugar da educação em espaços não formais: museus e centros de ciências**. In: III Congresso Internacional Trabalho Docente e Processos Educativos. Uberaba, 2015.

GUIMARÃES, Mauro; VASCONCELLOS, Maria das Mercês N. **Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação**. Educar, Curitiba, n. 27, p. 147-162, 2006.

HARDY, Melissa; BRYMAN, Alan. **The Handbook of Data Analysis**. Sage Publications, 2009.

HAUSER, Leonardo Antônio de Carvalho; LOPES, Claudivan Sanches. **A escola e seu entorno: a importância do conhecimento do contexto sociogeográfico das comunidades escolares para a organização de práticas educativas**. XXV EAIC - Encontro Anual de Iniciação Científica. Londrina, 2016.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. Em Extensão, Uberlândia, v. 7, 2008.

LUZ, Giordana Machado da; KUHNEN, Ariane. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(3), p. 552-560, 2012.

MELO, Itamar. **Com o novo PNE, Brasil aposta na escola de tempo integral**. Zero Hora, Porto Alegre, 20 jul. 2014. Educação.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2000.

MOREIRA-CONEGLIAN, Inara Regiane et al. Educação ambiental em praça pública no município de Botucatu/SP. **Revista. Ciência em Extensão**. v. 1, n. 1, p. 39-52, 2004.

MOREIRA, Marco Antônio. **Metodologia de Pesquisa em Ensino**. São Paulo: Livraria da Física, 2011.

OLIVEIRA, Claudia. **O ambiente urbano e a formação da criança**. São Paulo, SP: Aleph. 2004.

OLIVEIRA, Roni Ivan Rocha de; GASTAL, Maria Luiza de Araújo. **Educação formal fora da sala de aula – olhares sobre o ensino de ciências utilizando espaços não formais.** In: VII Encontro Nacional de Pesquisa – ENPEC. Florianópolis, 2009.

QUEIROZ, Ricardo Moreira de; et al. **A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências.** In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa – ENPEC. Campinas, 2011.

RIBEIRO, Zenilda Lopes. **As praças como espaço de lazer em Sorriso/MT.** 16º Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre, RS, 2010.

SILVA, Patrícia Gomes Pinheiro da; CAVASSAN, Osmar. **Avaliação das aulas práticas de botânica em ecossistemas naturais considerando-se os desenhos dos alunos e os aspectos morfológicos e cognitivos envolvidos.** Revista Ciências Humanas (MIMESIS) Bauru, v. 27, n. 2, p. 33-46, 2006.

SANTIAGO, Rosana B.; MARTINS, Daniel Ernani; PREUSSLER NETO, Osmar. **O Ensino de Física através do Futebol em um Pré-Vestibular Comunitário.** II Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa, PR, 2010.

UNIPAMPA. **Curso Reflexões e Práticas Extensionistas na Unipampa – 3ª Edição.** Março e Abril, 2017.

UNESCO. **Guia para la Planificación de la Educación em Situações de Emergência y Reconstrucción.** Instituto Internacional de Planificación de la Educación. Paris: UNESCO, 2011, 1206p.

Recebido em 19 de abril de 2017. Aprovado em 25 de julho de 2017.